

PROJETO DE VIDA | AUTOCONHECIMENTO

Decidir Sem Certeza

Há uma pergunta que a maioria de nós carrega em silêncio, refeita em versões diferentes ao longo dos anos: como escolher, se eu não sei o que vem depois?

Crescemos ouvindo que a decisão certa se reconhece por um sinal. Um alívio no peito. Uma certeza que chega pronta, como luz acendendo num cômodo escuro. Ninguém avisou que a maioria das escolhas que realmente importam se faz no escuro mesmo, com a mão estendida tateando a parede, sem garantia nenhuma de que ali adiante existe porta.

E então esperamos. Adiamos a mudança de emprego até ter certeza de que vai dar certo. Adiamos o fim de uma relação até ter certeza de que não existe mais nada ali. Adiamos o começo de um projeto até ter certeza de que somos capazes. A certeza vira uma condição, e a condição nunca chega, porque ela não existe do jeito que imaginamos.

O engano da bússola perfeita

Autoconhecimento costuma ser vendido como um mapa. Descubra quem você é, e o caminho aparece sozinho. Mas quem já tentou se conhecer de verdade sabe que não é bem assim. Conhecer a si mesmo não elimina a névoa à frente. O que muda é outra coisa, mais discreta e mais forte: você deixa de precisar enxergar o fim do caminho para dar o primeiro passo.

Uma bússola não mostra o destino. Mostra uma direção. Isso já basta para andar. O problema não é a falta de certeza sobre o futuro, é a falta de contato com aquilo que, dentro de você, seria capaz de apontar um norte, mesmo sem ver o que está do outro lado da neblina.

Esse norte tem nome: são os valores que você não abriria mão mesmo perdendo algo por eles. É a pessoa que você reconhece quando está agindo por medo, e a pessoa que você reconhece quando está agindo por coragem, ainda que as duas decisões pareçam, de fora, exatamente iguais.

A história do lavrador e da estação seca

Conta-se de um lavrador que plantou no meio de uma seca que já durava três anos. Os vizinhos disseram que era loucura, que faltava chuva havia tanto tempo que não tinha lógica nenhuma abrir a terra outra vez. Ele não discordou deles. Não tinha certeza de que ia chover. Tinha certeza de outra coisa: sabia cuidar da terra, conhecia o próprio ofício, e uma pessoa que sabe plantar não deixa de plantar só porque não pode prever o céu.

A chuva veio, tarde, mas veio. E quando perguntaram a ele como tinha tido coragem de continuar, respondeu algo simples: eu não sabia se ia chover. Sabia quem eu sou quando estou plantando.

Não era otimismo. Era autoconhecimento funcionando como direção, ali onde a certeza nunca esteve disponível para ninguém.

Decidir é um ato de quem se conhece, não de quem prevê o futuro

Toda decisão importante da vida é tomada sem os dados completos. Isso não é uma falha do processo, é a natureza dele. Quem espera a clareza total para agir, geralmente descobre, anos depois, que a espera era o próprio jeito de não decidir, disfarçado de prudência.

O convite, então, se inverte. Em vez de perguntar o que vai acontecer se eu escolher isso, talvez a pergunta que sustenta seja outra: quem eu sou quando escolho isso? Essa segunda pergunta tem resposta. E é uma resposta que só aparece quando a pessoa já fez o trabalho de se conhecer por dentro, antes de precisar decidir por fora.

Da próxima vez que a dúvida chegar e pedir uma certeza que você sabe que ela não vai te entregar, tente apenas isto: em vez de esperar o sinal de fora, escute o que já é firme dentro. Talvez não seja a resposta que aponta o destino. Mas é a resposta que aponta o norte. E, no escuro, um norte já é caminho.

Robison Sá: Ensino o que vivo, escrevo o que sinto.